

Perspectivas

Psicanálise e Antirracismo: aliados?

Por *Wania Maria Coelho Ferreira Cidade**

A crítica da modernidade estará inacabada enquanto não compreendermos que o seu advento coincide com o princípio da definição de raça e da lenta transformação deste princípio em matriz privilegiada de dominação ontem como hoje. Mbembe, 2014

Em psicanálise, no campo transferencial, transitamos entre amor e ódio, vida e morte, tristeza e alegria, medo e coragem, abandono e receptividade, fantasia e realidade, no entre do psiquismo do analista e do analisante. Um ofício construído a cada encontro por sutilezas, silêncios, burburinhos psíquicos forjados pelo terror, pelas paixões, afetos em oposição à representação, excessos e a não representação, pelo vazio e pelo desejo. Conduzimos a aventura de investigar universos distintos.

O processo psicanalítico não transcorre calmo nem estabelecido, ele vai e vem no ritmo das ondas das pulsões, da experiência emocional da dupla, afetado pela força do desejo, pelo que pulsa inconscientemente no psiquismo humano, fazendo pressão para vir à consciência. Seguidores do rastro do não dito ou daquilo que explode por falta de continência, observamos a nós mesmos e o outro.

Nesta extraordinária e estranha caminhada, tornamo-nos pessoas afeitas à indagação do que vai na alma, do que move o ser humano e, por isso, o nosso olhar inquieto para os fenômenos da cultura, para o que nos cerca proximamente e na comunidade mundial.

O racismo é uma das manifestações mais complexas que enfrentamos no mundo moderno, pois ele é responsável pela violência, pela desigualdade, pela discriminação, por modos de relações nos quais o outro precisa ser excretado, aniquilado para a manutenção de uma estrutura de poder que

mata e excluiu. Ao contrário do que admitimos, ele está entre nós, escondido, encoberto, disfarçado, atuando insidiosamente para manter a ordem social imutável.

As práticas do antirracismo são quase desconhecidas da psicanálise, embora seja a psicanálise internamente um campo aberto para a escuta, a investigação e a crítica da cultura. No entanto, a alienação e o descomprometimento estão relacionados à exclusão, às desigualdades e ao próprio racismo contra indígenas e negros existente nas estruturas dos países colonizados de maneira naturalizada e reproduzida no interior das suas instituições.

Este é um tema que está entre as preocupações da Direção da FEPAL e que faz parte dos nossos projetos, desde o programa de gestão, justamente porque acreditamos que está tão emaranhado com a organização política, econômica e social da América Latina que precisa ser pensado em uma perspectiva transdisciplinar entre a psicanálise, a antropologia, a história, as ciências sociais e políticas e os campos interessados neste diálogo fundamental.

Situado em um contexto histórico-cultural limitado e repressor, Freud revolucionou a modernidade, influenciando enormemente outras escolas e o caminhar do século XX. Com sua ousadia e coragem provocou impacto profundo na compreensão do psiquismo humano. Entretanto, data também da Idade Moderna a criação das raças, então preconizada pela ciência com o interesse em dividir os sujeitos entre superiores e inferiores para que uns (não brancos, africanos, latinos etc.) servissem os outros (brancos ocidentais). Diga-se de passagem, no século XX, a própria ciência desconstruiu o conceito de raça, mas ele permanece vivo no imaginário social.

Assim, penso ser movimento natural da psicanálise expandir-se em observação da cultura e em permanente intercâmbio com ela, inclusive, para ampliarmos a compreensão do humano, considerando as marcas e os traumas de nosso continente que geram conflitos brutais, ainda na contemporaneidade, nas periferias de nossas regiões.

No cenário atual, é inadmissível o nosso silêncio em relação ao racismo, calar-se em face da intolerância que se exterioriza em vários segmentos da sociedade, no religioso, no político, no sexual, diante de qualquer diferença. O nosso compromisso transcende o consultório particular e é reivindicado contra qualquer tipo de violência, pois no rastro de um ato violento invariavelmente nos deparamos com o sofrimento psíquico.

A colonização foi implantada como um sistema perverso, cruel e desumano, que dizimou povos, idiomas e costumes, seguiu o seu curso por séculos

explorando, violentando e desapropriando sujeitos de seus direitos de ser e de existir. Neste exemplar do Conexão FEPAL, estamos tratando de mecanismos discriminatórios bem-sucedidos, nos quais o Estado protegeu e assegurou os direitos de uma parcela da sociedade que, por sua vez, foi conivente com o sistema, em sua maioria, enquanto a outra parcela da população ficou alijada de sua cidadania com seríssimas repercussões para a coletividade, até os dias atuais. Refiro-me ao racismo embrião da colonização, que estrutura modos de relações de poder e que regula vidas; são métodos que marcam simbólica e socialmente os sujeitos não brancos, aqueles que estão fora do que foi estabelecido pelo Ocidente como norma universal. A mudança de paradigmas e o rompimento com o pensamento colonial também guardam certa violência, uma vez que estamos lidando com um sistema de privilégios do qual a parcela da sociedade que se beneficia dele não quer abrir mão.

Assim, as nossas instituições se tornaram brancas, e falar a respeito disto provoca sentimentos ambivalentes, gera inquietação e desgosto, por ser um assunto aparentemente alheio à psicanálise. Mas não nos interessa se temos um padrão homogêneo, composto por uma maioria de mulheres brancas, em média com 64 anos, dos centros urbanos etc.? (Dados da pesquisa realizada na gestão de Roberto Scerpella, FEPAL, 2016). Como faremos para diversificar os ambientes psicanalíticos se não conversarmos a este respeito? Esta não é uma questão para nós? Penso que sim e que precisamos agir.

Frantz Fanon (filósofo, psiquiatra e militante revolucionário) em suas investigações e prática clínica insistia em considerar, juntamente com a ontogenia e a filologia, a sociogenia, radicalizando na influência do mundo externo nas subjetivações. Não penso que isto seja novo para nós, o próprio Freud e alguns pós-freudianos consideram o meio ambiente na formação do sujeito, contudo, ele percebe a cultura colonial um fator doentio e causador do mal na sociedade, influenciando também no adoecimento dos sujeitos (Frantz Fanon, 2008).

Algumas sociedades do Brasil (Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto), preocupadas com a inclusão e com o reconhecimento do racismo e das desigualdades, implantaram bolsas de estudos em seus institutos.

As discussões no interior das sociedades e a evidência do racismo em razão das informações que nos chegam pelos meios de comunicação vêm gerando mudanças importantes no cenário psicanalítico nacional, mas especialmente no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul. Escolas, associações e círculos de

psicanálise têm reproduzido a iniciativa da SBPRJ e criado projetos que visam à inclusão racial e social. O fato é que basta olharmos para os lados que veremos como nossas organizações são elitizadas e desligadas da realidade social, embora haja subversão e grupos ou indivíduos conseguem criar janelas nestes espaços que se voltam para a comunidade em geral.

Mas o antirracismo pressupõe que este assunto esteja em pauta, sendo discutido e trabalhado nas instituições, admite e promove o acesso às obras afrodiáspóricas e indígenas, bebe nestas fontes para maior compreensão do que ocorre com a nossa população, escuta as vozes excluídas dentro de nossos ambientes, convida-as para nossas reuniões científicas. Enfim, esta é a aliança a ser construída.

Internamente a Diretoria de Comunidade e Cultura, coordenada por Diana Zac, em parceria com o Grupo de Estudos Psicanalistas na Comunidade, coordenado por Isabel Mansioni, vêm trabalhando o tema. Em paralelo, a Coordenação Científica da FEPAL, coordenada por Marina Massi, promoverá um curso de longa duração cuja abertura será uma Webinar: uma questão de cor: decolonialidade e psicanálise. O curso será coordenado por Maria José Tavares, membro da coordenação científica. Com muita satisfação convido-os para no dia 12 de agosto (horários em nossas redes sociais) iniciarmos a construção desta demorada aliança.

Que venham bons frutos!

** É psicanalista, membro efetivo e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Rio de Janeiro, foi diretora de Comunidade e Cultura da FEBRAPSI (Federação Brasileira de Psicanálise, 2020-2022), onde criou a Comissão de Psicanálise, Racismo e Práticas Antirracistas para promover ações de inclusão de caráter antirracista nas sociedades brasileiras de psicanálise. É coordenadora da Comissão de Estudos Críticos sobre Relações Raciais, Descolonização do Pensamento e Racismo, na SBPRJ, e a atual presidente da FEPAL (Federación Psicoanalítica Latinoamericana, bienio 2022-2024).*

